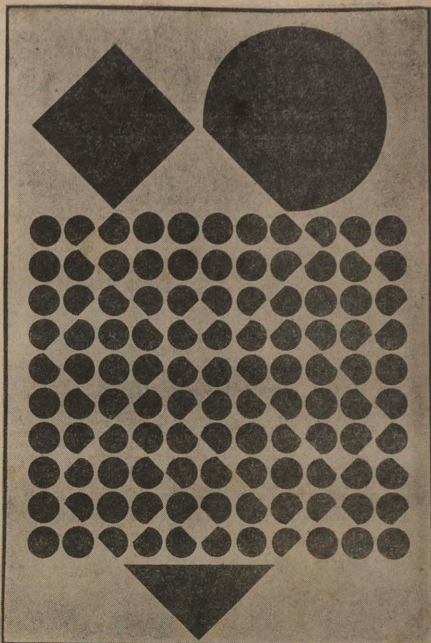




O francês Vasarely, expoente da optical, apresentou excelentes trabalhos na Bienal de São Paulo.



O italiano Burri apresentou telas de materiais da indústria de plásticos tratados na forma de clichê.

Bienal divide prêmio entre a França e a Itália

JAYME MAURICIO

SAO PAULO. (De Jayme Mauricio) — O Juri da VIII Bienal de São Paulo decidiu inesperadamente sobre o prêmio internacional de pintura, dividindo-o entre o francês Victor Vasarely e o italiano Alberto Burri. Os prêmios internacionais de escultura, desenho e gravura, bem como os prêmios de adjudez ainda não foram decididos, o que se espera acontecer, hoje.

Os prêmios nacionais eram já esperados, exceto o de pintura que foi concedido ao pintor brasileiro, o leão Danilo Di Prette, que já havia obtido o mesmo prêmio na primeira bienal, em 1951, com uma tela intitulada *Limões*. O primeiro prêmio nacional de escultura foi merecidamente concedido ao escultor Sérgio de Camargo, que recentemente expôs no Museu de Arte Moderna do Rio. O prêmio de desenho a Fernando Orlizonia, e o prêmio nacional de gravura a Maria Bonomi, que é uma das mais fortes personalidades presentes em várias bienais, inclusive na última de Veneza.

A obra e a personalidade de Vasarely são bem conhecidas há vários anos e hoje é destruída a posição de líder do movimento optical ao lado de Alberto. Nasceu em 1903 na Hungria, onde realizou sua formação passando a residir em Paris em 1930, naturalizando-se francês. Trabalhou em publicidade e dedicou-se a fundo em trabalhos gráficos, nos quais fixou os primeiros elementos de uma plástica pessoal e as linhas fundamentais que sempre deram coerência a sua obra. Tem uma atividade intensa por vários países, inclusive no Brasil, onde em 1946, foi exposto no Museu de Arte Moderna do Rio. Participou de Documenta I e II, nos cinquenta anos de arte moderna da Exposição de Bruxelas. Participou de grandes empreendimentos como a cidade Universitária de Caracas.

Alberto Burri é também um dos mais polemizados pintores modernos da Itália. Desde há 15 anos que trabalha utilizando sacos de estopa, passou às combustões e em seguida às madeiras e ferros fuses essas representadas na bienal no lado da fase atual, de matéria plástica industrial. O público do Rio já conhece sua obra, na exposição que realizou em 1961 no Museu de Arte Moderna. Está representado nas

bienais paulistas de 1955 e 1958, é um dos pintores de vanguarda dos mais premiados, inclusive pela crítica de arte e pelo Carnegie International. Tem obras em museus de todo o mundo ocidental. O conselheiro italiano Cesare Brandi diz, referindo-se à obra de Burri, que "não é pintura, mas regeneração da matéria, salvaguarda da matéria".

A presença dos italianos na VIII Bienal de São Paulo, tanto quanto nas bienais anteriores, reveste-se de importância e brilho (não fossem eles os criadores da Bienal de Veneza, o que lhes proporciona uma experiência e uma organização talvez impares em outros tempos naturais). As obras da exposição de artes plásticas foram escolhidas por Rodolfo Palucchini, professor de História da Arte na Universidade de Pádua; Gian Alberto Dell'Acqua, professor de História da Arte na Universidade Católica de Milão, secretário-geral da Bienal de Veneza; Enrico Pautucci, pintor; Francesco Somaini, escultor, e Marcello Venturoli, crítico de arte.

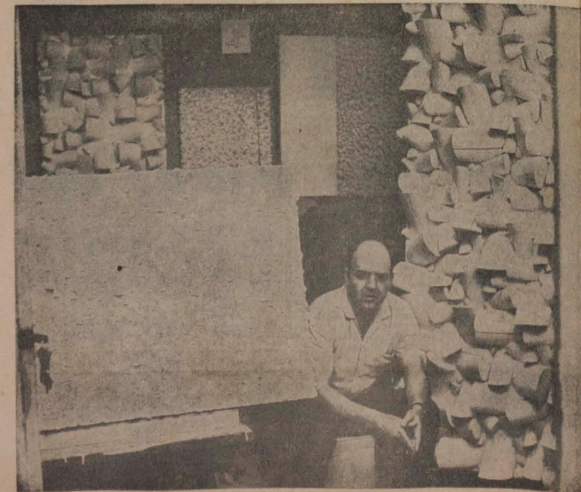
Gian Alberto Dell'Acqua, apresentando a seleção dos artistas italianos, diz que sua seleção não visa uma perspectiva oficial unilateral e nem deseja resumir os aspectos globais da arte italiana de hoje, mas acha que Alberto Burri reflete a multiplicidade das atitudes e pesquisas que caracterizam a arte contemporânea na Itália. Assim, Burri conta com uma ampla exposição pessoal e é, sem dúvida, a vedete do conjunto. Burri, que milita há vários anos e há vários anos vem despertando escândalos e polémicas, já participou das mais importantes mostras internacionais, desde 1947, inclusive as bienais paulistas de 1955 e 1958. Foi premiado em Pittsburgh, Milão, Veneza e Valadão e, há quinze anos atrás, lançou um desafio irreverente às artes, com o que chamou de *Sacos*, telas sujas e remendadas em que apareciam de Giotto, Rafael, Burri fora a um ponto em que se imaginava, então, o mais quando o mais vanguardista de toda a arte moderna. A arte moderna, entretanto, não se soube si, nem tampouco o pintor italiano, que prosseguiu com suas experiências, indiferente ao escândalo que suas primeiras sacos causaram e o consequente êxito. Maior perplexidade e entusiasmo produziram

os trabalhos subsequentes: as Combustões, as Madeiras, os Plásticos, superposições de matérias plásticas transparentes e coloridas, em que reaparecem as características angustiantes, as chagas, os rasgos dos seus primeiros *Alcitrões e Metais*.

Além de Burri, a representação italiana é constituída por Getúlio Alviani, muito jovem representante da corrente optical; Giorgio Bonquadro, Carmelo Capello, Enrico Castellani, Leonardo Cremonini, Tazio Segno, Pericle Fazzini, Giuseppe Mazzullo, Mirko Basaldella, Cesare Favretti, Antonio Facchi, Sergio Basilli, Mario Saffino, Giacomo Sottillano, Valeriano Trubbiani, Alberto Viani, Antonino Durzuro e Giuseppe Zigaina. Como vemos, uma representação numerosa em que o número de escultores é grande, proporcionalmente Trubbiani, Fazzini, Mirko, Viani, Mazzullo e Capello, visando, talvez, a levar novamente para a Itália o prêmio de Melhor Escultor que, na Bienal anterior, foi arrebatado por Polozzi.

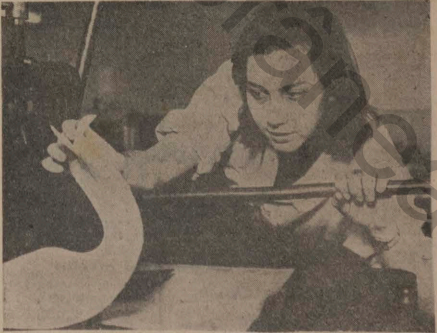
Os nomes de Victor Vasarely e Jean Messager encabeçam a lista da representação francesa à VIII Bienal, sendo o primeiro um dos líderes da tendência optical na França. Vasarely, que nasceu na Hungria em 1903, fez, entre outros, um grande painel na Cidade Universitária de Caracas, na Venezuela, e é um dos pioneiros da arte cinética. Disse, quando da realização de sua exposição no Museu de Artes Decorativas, em Paris, em 1962, que a arquitetura ao liberta de sua rotina milenar, rompe seus eixos com a pintura e a escultura e inaugura um novo caminho, o da busca puramente racional. Com o nascimento da policromia arquitetônica nos foi dada a pura felicidade de assistir a uma das mutações da arte, tão necessárias a sua brevidade. Longe de nos estio os objetivos de antagonismo, a arte do presente estimula o complexo biológico humano e visa à harmonia e ao equilíbrio, fatores de bem-estar e de alegria.

Messager, um dos nomes mais em evidência da Escola de Paris, chamado por Restany de "pintor da natureza" e de "uma figura de prosa de França", que conta com os nomes de Claude Beldergarde, Jean Degottex, René Devillier e Georges Noël.



Maria Bonomi foi uma das grandes consagrações da Bienal.

Sérgio Camargo, conquistou o prêmio nacional de escultura.



EDELIZE
SEU CONDOMÍNIO
DISQUE
Serycco Insetisan **47-9797**